

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

FERNANDO BAUMANN COGAN

**METAPLASMOS COTIDIANOS:**  
UMA ANÁLISE SOBRE OS FENÔMENOS FONÉTICOS RELACIONADOS AOS  
EQUÍVOCOS GRAMATICAIS EM MÍDIAS IMPRESSAS E INFORMAIS

Porto Alegre

2021

FERNANDO BAUMANN COGAN

**METAPLASMOS COTIDIANOS:**

UMA ANÁLISE SOBRE OS FENÔMENOS FONÉTICOS RELACIONADOS AOS  
EQUÍVOCOS GRAMATICAIS EM MÍDIAS IMPRESSAS E INFORMAIS

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentado à Escola de Humanidades, Curso de  
Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua  
Portuguesa.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Márcia Martins da Silva

Porto Alegre

2021

FERNANDO BAUMANN COGAN

**METAPLASMOS COTIDIANOS:**

UMA ANÁLISE SOBRE OS FENÔMENOS FONÉTICOS RELACIONADOS AOS  
EQUÍVOCOS GRAMATICAIS EM MÍDIAS IMPRESSAS E INFORMAIS

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentado à Escola de Humanidades, Curso de  
Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua  
Portuguesa.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Márcia Martins da Silva - PUCRS

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Regina Brescancini - PUCRS

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janaína de Azevedo Baladão de Aguiar - PUCRS

Porto Alegre

2021

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Rogério e Jaqueline, por terem sido fundamentais na minha educação e, desde cedo, terem me incentivado à leitura. Sem isso, jamais estaria finalizando este curso de Letras.

Ao meu irmão, Ricardo, pela convivência e pela capacidade incrível de leitura e escrita, que sempre me enriqueceram e me fizeram aprender muito até chegar a este momento.

À Gretcheen, que foi minha companheira durante todo o período do trabalho, apoiando e entendendo quando eu precisava focar na pesquisa. Espero que continue sendo essa namorada incrível por muitos anos.

À professora Ana Márcia, pela orientação tranquila e essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos de Letras, Pedro e Jaísa, um agradecimento especial, pois fizeram este período de 6 anos ser muito melhor do que eu imaginava. Obrigado pela parceria.

À Bianca, agradeço pelas palavras de apoio e por ser uma amiga tão especial. Coincidentemente, nossa amizade se consolidou durante os últimos 6 anos, e sou muito feliz por isso.

Aos amigos da Administração da UFRGS, meu curso anterior, também fica o agradecimento pelo apoio durante todo o curso.

Sou muito grato a cada pessoa que curtiu, comentou ou compartilhou a página *Revisão S.A.* nas redes sociais.

## RESUMO

É possível observar equívocos gramaticais em diversos meios de comunicação. Mas o que está por trás deles, quando são estudadas a história, a fonética e a fonologia da língua portuguesa? Metaplasmos são mudanças fonéticas pelas quais as palavras passaram em sua história, desde o latim clássico, passando pelo latim vulgar, até chegar à língua que se conhece atualmente. Por ser vivo, o português segue se modificando pela ação dos falantes, e é possível identificar diversos metaplasmos em situações cotidianas de fala, segmentados em aumento, supressão, transposição e transformação de fonemas. Este trabalho apresenta 14 imagens de placas, cardápios, anúncios, entre outras mídias, em que, aparentemente, a ação do falante foi transposta para a escrita. Mais do que apenas identificar os metaplasmos presentes nas mídias, o estudo busca desvendar os fenômenos fonéticos e fonológicos que perpassam cada palavra modificada, baseado em alguns dos principais linguistas, gramáticos e filólogos que estudam a história da língua portuguesa, passando por fatores etimológicos, comparações com outras línguas e aproximações. Verifica-se a presença de recomendações muito antigas, que já são pronunciadas, naturalmente, de forma alterada no português brasileiro, como as sequências de consoantes obstruintes; de fenômenos generalizados e históricos que podem se refletir na escrita, como a neutralização vocálica; de palavras repetidas exaustivamente de forma diferente da prescrita pela gramática tradicional, com indícios de divergência na passagem do latim ao português e com oportunidade de pesquisa mais aprofundada sobre a origem de sua transformação, como as terminadas em *-uito*. Em todas as figuras mostradas, a comunicação ocorre normalmente, embora se utilize de mudanças típicas da fala. São indícios de uma língua em constante mudança.

Palavras-chave: Metaplasmo; língua portuguesa; fonética; fonologia; comunicação.

## ABSTRACT

Grammatical errors are observable in many communication means. However, what is behind them, when Portuguese language's history, phonetics and phonology are studied? Metaplasms are phonetic changes in which words have gone in their history, from Classical Latin, through Vulgar Latin, until reaching the currently known language. As a living language, Portuguese continues to change due to the action of the speakers, and several metaplasms are identified in everyday speech situations, segmented by addition, suppression, transposition and transformation of phonemes. This work presents 14 images of signs, menus, advertisements, among other media, in which the speaker's action was apparently transposed to writing. Besides identifying metaplasms in media, the study seeks to unravel the phonetic and phonological phenomena that permeate each modified word, based on some of the main linguists, grammarians and philologists that study Portuguese's history, going through etymological factors, comparisons with other languages and approximations. There are very old recommendations naturally pronounced with changes in Brazilian Portuguese, such as sequences of obstructing consonants; generalized and historical phenomena that can be reflected in writing, such as vowel neutralization; words exhaustively repeated in a different way from the prescribed by traditional grammar, with evidence of divergence in the passage from Latin to Portuguese and with an opportunity for more in-depth research on the origin of its transformation, as those ending in *-uito*. In all the figures shown, communication occurs normally, although it uses typical speech changes. They are signs of an ever-changing language.

Keywords: Metaplasms; Portuguese; phonetics; phonology; communication.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quadro vocálico do latim ao português .....	16
Figura 2 – Metaplasmo de aumento.....	26
Figura 3 – Metaplasmo de supressão .....	28
Figura 4 – Metaplasmos de transposição.....	31
Figura 5 – Metaplasmo de transformação – ditongação.....	35
Figura 6 – Alçamento postônico final .....	38
Figura 7 – Metaplasmos de transformação – vogais pretônicas.....	39
Figura 8 – Metaplasmos de transformação – assimilações 1 .....	40
Figura 9 – Metaplasmo de transformação – assimilações 2.....	41

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2</b>	<b>LÍNGUA PORTUGUESA: HISTÓRIA E ESTRUTURA FONOLÓGICA</b> .....	10
2.1	LÍNGUA .....	10
2.2	PANORAMA HISTÓRICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	11
2.3	PORTUGUÊS BRASILEIRO .....	12
2.4	FONOLOGIA E FONÉTICA .....	14
<b>3</b>	<b>METAPLASMOS</b> .....	17
3.1	CONCEITOS .....	17
3.2	TIPOS.....	19
3.2.1	Aumento .....	19
3.2.2	Supressão .....	20
3.2.3	Transposição .....	21
3.2.4	Transformação .....	23
<b>4</b>	<b>FENÔMENOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS RELACIONADOS ÀS MÍDIAS</b> .....	25
4.1	AUMENTO: SIMPLIFICAÇÃO DE SEQUÊNCIAS DE CONSOANTES OBSTRUÍNTES ....	25
4.2	SUPRESSÃO: SIMPLIFICAÇÃO DE ENCONTROS VOCÁLICOS .....	28
4.3	TRANSPOSIÇÃO: MODIFICAÇÃO DE RECOMENDAÇÕES ANTIGAS DE PROSÓDIA..	31
4.4	TRANSFORMAÇÃO: DITONGAÇÃO E MUDANÇAS DE ALTURA VOCÁLICA.....	34
4.4.1	Formação de ditongos antes de S .....	34
4.4.2	Neutralização vocálica .....	37
4.4.3	Casos especiais – ditongos e hiatos.....	40
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	43
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	45



## 1 INTRODUÇÃO

Em novembro de 2014, um jovem já formado no curso de Administração resolveu explorar seu potencial de leitura, interpretação e revisão gramatical de textos, que para ele já era diferenciado. Algum tempo depois, surgiu a ideia de compartilhar, nas redes sociais, imagens de equívocos gramaticais que ele identificava, principalmente em jornais, mas também em outras mídias e placas de rua. Foi criado, em março de 2015, o *Revisão S.A.*, página mantida nas redes *Facebook* (<https://www.facebook.com/RevisaoSA>) e *Instagram* (@revisao\_sa), com a ideia básica de compartilhar, despretensiosamente e com alto uso de ironia, imagens que indicassem o quanto é importante revisar os textos antes de publicá-los. A página manteve-se com maior frequência de postagens entre os anos de 2015 e 2019, culminando em 503 publicações no *Facebook* e 372 no *Instagram*.

Com a página, surgiu uma vontade ainda maior de capacitação, e o jovem assistiu a um curso de revisão editorial no decorrer de 2015 e começou o curso de Letras – Português na PUCRS em 2016. Este Trabalho de Conclusão de Curso é, de certa forma, um retorno às origens. Dentro de toda a pesquisa dos anos dedicados ao *Revisão S.A.*, foi identificado um tema relevante que estava por trás de algumas imagens e é uma clara demonstração de como a língua portuguesa é viva. Assim, o trabalho versa sobre metaplasmos.

Os metaplasmos são, nas palavras do gramático Ismael Coutinho (1938, p.188), “[...] modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução histórica.”. Por exemplo, a palavra *barata* veio do latim *blatta*, que se transformou primeiramente em *brata* e por fim na forma atual (NASCENTES, 1966). A primeira mudança é o que se chama de rotacismo, em que o /l/ é trocado pelo /r/. A segunda inclui uma vogal entre duas consoantes, sendo chamada de anaptixe ou suarabácti (NICOLETI, 2021). Trata-se de dois metaplasmos, o primeiro de transformação (troca de fonema) e o segundo de aumento (adição de fonema).

Em uma situação comum, quando alguém fala a palavra *adevogado* ou *adivogado* em vez de *advogado*, do que se trata? Aqui ocorre o mesmo processo da *barata*: uma anaptixe. No entanto, esta ocorre apenas na fala, o que não quer dizer que não possa ser consagrada na escrita futuramente. Leite e Botelho (2005) destacam que essas transformações ocorreram principalmente na passagem do Latim para o Português, mas seguem agindo e modificando a língua.

O exemplo mais típico que este trabalho traz e talvez mais próximo de transformar, de fato, a língua é a palavra *gratuito*. A pronúncia com o acento tônico no [i] é extremamente comum em todas as esferas da sociedade. As imagens que o *Revisão S.A.* divulgou demonstram que a mudança não se restringe apenas à fala, mas também ocorre em notícias de jornal, *folders* e anúncios publicitários. Na verdade, a palavra *gratuito* tem como sílaba tônica o *tui*: não existe o hiato formado entre [u] e [i] nem o acento tônico nele. Trata-se de um metaplasmo de transposição, quando o acento tônico muda de lugar na palavra. Nesse caso, ele é denominado diástole.

Identificar uma palavra falada ou escrita de forma equivocada em relação à norma gramatical e os metaplasmos ali presentes é uma das etapas do trabalho. Mas o propósito principal aqui é entender quais as origens dessas transformações. Por que o hiato em *gratuito* é tão frequente? O que linguistas, gramáticos e filólogos (que estudam documentos históricos) falam sobre as motivações para os fenômenos fonéticos e como é possível aplicar as explicações em uma análise das imagens publicadas na página *Revisão S.A.*?

É importante reforçar que, quando se fala em “equivoco gramatical”, a noção é dada em relação à norma prescrita pelos gramáticos contemporâneos para o uso culto e padronizado da língua (FARACO, 2008). Como Bagno (2007) defende, a gramática normativa é a tentativa de descrever a parcela mais visível da língua; a língua está em constante mutação e é conduzida por seres humanos que a renovam constantemente, e resumir as coisas a uma bifurcação entre “certo” e “errado” impede a percepção da riqueza da variação linguística do português brasileiro e permite que o preconceito linguístico se estabeleça de forma frequente na sociedade.

O trabalho se estrutura da seguinte forma: primeiramente, há uma revisão bibliográfica que fala sobre noções de língua, história do português, fonologia e fonética; depois, os metaplasmos e suas classificações são descritos; a seguir, há o tópico principal de identificação dos principais fenômenos que estão por trás dos metaplasmos e a forma como se encaixam na análise das imagens. Por fim, são trazidas as conclusões sobre o estudo.

## 2 LÍNGUA PORTUGUESA: HISTÓRIA E ESTRUTURA FONOLÓGICA

Este capítulo passa por noções de língua, fonologia e fonética. Há também um breve panorama histórico sobre a língua portuguesa, desde o latim vulgar até o português brasileiro.

### 2.1 LÍNGUA

O conceito de língua normalmente é descrito por meio de duas dimensões. Ao mesmo tempo em que se trata de sistema gramatical que pertence a um grupo de indivíduos, é tida como a expressão de uma coletividade, o meio pelo qual esta concebe o mundo em que vive. Conseqüentemente, como criação da sociedade, vive em eterna evolução, paralela à evolução do próprio ser humano (CUNHA; CINTRA, 2017).

Írandé Antunes (2009) traz outra visão dupla, em que uma das dimensões está ligada a um sistema autônomo, pronto para ser utilizado pelos sujeitos; a outra o vê como sistema em uso, “[...] preso à realidade histórico-social do povo, brecha por onde entra a heterogeneidade das pessoas e dos grupos sociais, com suas individualidades, concepções, histórias, interesses e pretensões.” (p.21). Aqui a língua deixa de se basear apenas em um conjunto de regras gramaticais, sendo vista como fenômeno social, envolvendo questões políticas, históricas, sociais e culturais.

A língua não é uma entidade concreta, mas sim uma abstração que só ocorre por meio de falantes e grupos de falantes, os quais, em situações sociais particulares, se utilizam de variados recursos linguísticos para interagirem uns com os outros. É um conjunto de diferentes “falares”, heterogêneo e aberto, em que os falantes inclusive têm liberdade para criar novos recursos em seus contextos de uso (ANTUNES, 2009). Uma língua uniforme em todo lugar é um mito: muitas vezes, ela é tida como uma estrutura ideal com os traços básicos comuns a suas variedades. De acordo com o autor Marcos Bagno (201-), já se tem a ideia de que a língua é um “polissistema” formado por múltiplas variedades linguísticas. Como diz Mattoso Câmara Jr. (1979, p.7), “[...] é a invariante abstrata e virtual, sobreposta a um mosaico de variantes concretas e atuais.”.

Quais variantes são essas? Segundo os gramáticos Cunha e Cintra (2017), basicamente existem três tipos de diferenças que compõem uma língua e que podem

variar em profundidade. Há as variações geográficas, também conhecidas como diatópicas, em que é possível diferenciar falares locais, regionais e intercontinentais; também existem as diferenças nas camadas socioculturais ou diastráticas, em que se visualizam divergências entre a língua padrão e o falar popular; por fim, as variações diafásicas dizem respeito aos tipos de modalidade expressiva, em que se localizam língua falada, escrita, literária e outras linguagens especiais.

Bagno (201-) ressalta que o modelo de língua como algo estático, que sobrepujasse as variações linguísticas, surgiu no século III a.C., com o objetivo de ser um instrumento de controle social. O termo passou a ser utilizado comumente para rotular apenas um modelo idealizado como o correto, enquanto os usos reais, especialmente falados, passaram a ser tratados como erro.

## 2.2 PANORAMA HISTÓRICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa faz parte do conjunto de línguas românicas, que tem sua origem no latim, a língua original do Lácio, no centro da Itália. O latim foi implementado em uma grande região da Europa, em razão das conquistas militares e do domínio cultural e político do Império Romano. Com o avanço de Roma para além da Península Itálica, especialmente na Península Ibérica, a partir do século III a.C., a grande maioria das línguas e dialetos locais foram morrendo e dando espaço ao latim, já evoluído e misturado a variações regionais (CÂMARA JR, 1979).

O português se originou especificamente na variedade conhecida como latim vulgar. O latim vulgar foi introduzido pelos romanos na Lusitânia, região no oeste da Península Ibérica (onde hoje fica Portugal), e contemplava a linguagem cotidiana que era usada pelos soldados, colonos e funcionários romanos. Com o passar do tempo e com os inúmeros encontros nos diferentes países conquistados, a língua foi se diversificando e formando as línguas românicas (COUTINHO, 1938; CUNHA; CINTRA, 2017).

Existia uma diferença do latim clássico ou literário, que era utilizado por intelectuais e seguia uma rígida e estática norma gramatical. O latim vulgar estava dentro do conceito de língua viva, em que diferentes classes sociais, plebeus e patrícios, atuavam oralmente e a modificavam no decorrer dos anos e séculos. Não existia unidade linguística no latim vulgar, mas sim dinamismo nos diversos dialetos

sociais e mudanças contínuas que ajudaram a desenvolver as línguas românicas (CÂMARA JR., 1979).

A romanização da Península Ibérica começou no século III a.C., com a chegada dos romanos. No entanto, houve algumas invasões que incrementaram as influências na língua com o passar dos séculos. No século V, foi a vez dos bárbaros germânicos; já no século VIII, os árabes iniciaram um longo domínio na Península. Nessa fase, muitos termos foram incorporados ao léxico português, mas não houve influência suficiente para apagar as marcas romanas da língua. A Reconquista anti-islâmica foi um processo que levou vários séculos. Os primeiros documentos escritos em galego-português, com os primeiros traços concretos da língua, surgiram no século XIII; a seguir, houve uma expansão interna que unificou os falares regionais. Com as grandes navegações, entre os séculos XV e XVI, Portugal começou a espalhar a língua por diversas regiões do mundo (BECHARA, 2003).

Existe alguma divergência sobre a divisão por etapas da evolução da língua portuguesa, mas Bechara (2003) divide da seguinte maneira: o português arcaico (com o início do galego-português), entre o século XIII e o final do XIV; o arcaico médio, entre o XV e o XVI; o moderno, entre o XVI e o XVII e o português contemporâneo, do século XVIII aos dias de hoje. Cunha e Cintra (2017) colocam mais fases iniciais do latim, do romance lusitânico e do português proto-histórico e simplificam o arcaico em uma fase apenas, além de unificar o moderno e o contemporâneo.

### 2.3 PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os portugueses chegaram ao Brasil em 1500. Ao contrário da latinização do Império Romano, que foi lenta e constante, a colonização portuguesa incorporou etnias nativas na sociedade branca, de forma a eliminar lentamente a cultura dos povos indígenas. As tribos eram diversas e tinham seus dialetos, mas os povos tupis do litoral foram o maior foco dos europeus no processo de subjugação e aculturação. Os brancos chegaram a aprender o idioma tupi e se criou a chamada língua geral, que era utilizada para contato entre os jesuítas e os indígenas. A língua geral se estabeleceu paralelamente ao português e se constituiu inclusive como língua escrita e literária. Em meados do século XVII, a imigração portuguesa se intensificou e

começou a extinção do bilinguismo em favor do português como língua única (CÂMARA JR., 1979).

Há algumas discussões sobre o tamanho da influência do tupi na língua portuguesa do Brasil. O consenso entre os linguistas é que o tupi possibilitou um enriquecimento do léxico do português brasileiro, emprestando palavras que se adaptaram à gramática e à fonologia portuguesa (ASSIS, 2011). Além disso, segundo Robl (1985), algumas simplificações de flexões nominais e verbais da língua tiveram origem no caráter aloglótico dos indígenas, ou seja, indivíduos que se viam subitamente diante de uma língua totalmente diferente da sua e precisavam aprendê-la. O autor indica que a perda do [r] (produzida por apócope como em *dotô*, *andá*, *vendê*), por exemplo, no português popular, foi acelerada por essa ação aloglótica.

É importante destacar também a influência africana, que modificou fortemente o panorama linguístico da colônia. Desde o século XVII, foi iniciado o tráfico de negros africanos como escravos para o Brasil. Eram grupos de diversas nações, com seus próprios idiomas, que foram obrigados a ficar confinados, desde o trajeto intercontinental (CÂMARA JR., 1979). Durante o período de escravidão, que durou os três primeiros séculos de “descoberta” do Brasil, o país recebeu cerca de 3,6 milhões de escravos importados da África (GUY, 1981, 1989; HOLM, 1987 *apud* BONVINI, 2008).

O traço mais reconhecido das línguas africanas no português brasileiro é o empréstimo lexical. Diz-se que existem mais de 3 mil palavras com essa origem, número que deve ser inferior ao empréstimo feito pelas línguas indígenas (ILARI; BASSO, 2006). Embora haja uma discussão longa sobre os traços fonológicos, morfológicos e sintáticos que poderiam relacionar as línguas africanas e o português brasileiro, conforme Holm (1992 *apud* BONVINI, 2008), em termos fonológicos, temas como o processo de desnasalização, palatalização e a alternância de /l/ e /r/ são alguns dos traços da língua impactados pela presença africana no país. Alguns dos processos fonológicos impactados pela influência indígena e africana – apócope, desnasalização, palatalização e rotacismo (alternância de /l/ e /r/) – são comentados em tópicos posteriores deste trabalho.

Segundo Faraco (2019), os negros, os índios e os pobres, as classes mais baixas da sociedade, foram os principais responsáveis por difundir o português popular no Brasil, atuando nas transformações e simplificações que a língua falada aqui recebeu em divergência daquela falada em Portugal. Isso ocorreu porque os

povos à margem da construção social não tinham acesso a informação, cultura e linguagem suficientes para uma formação linguística fiel àquela oriunda do povo colonizador, fazendo da língua um fator de polarização entre a classe baixa e a alta. A língua falada no Brasil já foi nomeada e conceituada de diversas formas: antes da independência era considerada somente como portuguesa, e após esse período abriu espaço para outros termos como *língua pátria*, *brasileiro*, *língua brasileira* ou *língua nacional*. Hoje é conhecida como *português brasileiro*.

## 2.4 FONOLOGIA E FONÉTICA

A estrutura da língua se organiza em alguns níveis, como o morfológico, o sintático e o semântico. No nível fonológico, os termos *fonologia* e *fonética* estudam os sons da fala; a fonologia se volta para aspectos comportamentais e sua função linguística, enquanto a fonética foca em aspectos físicos e fisiológicos. Os dois campos, embora separados, são analisados normalmente de forma interdependente (DA HORA; MAGALHÃES, 2016). De forma similar, Cunha e Cintra (2017) definem a fonética como a disciplina que estuda os sons da fala e as várias realizações dos fonemas, enquanto a fonologia é a parte da gramática que estuda como estes se comportam em uma língua.

Os fonemas são os “[...] sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.” (BECHARA, 2003, p.57). Um fonema, sozinho, não tem significação; no entanto, ele é a unidade mínima capaz de diferenciar uma palavra da outra (DA HORA; MAGALHÃES, 2016). Por exemplo, /k/ e /R/ são os elementos que diferenciam as palavras *casa* (transcrição fonética: ['kaze]) e *rasa* (transcrição fonética: ['Raze]). Bechara (2003) destaca que o fonema é uma realidade acústica, enquanto a letra é o sinal que representa na escrita o sistema sonoro da língua.

A pronúncia real de um som é simbolizada na escrita por um alfabeto especial. No alfabeto fonético, os sinais são representados entre colchetes e os fonemas são transcritos entre barras oblíquas. Por exemplo, [ɛ] representa o som falado normalmente nas palavras *pé* e *ferro*, e [e] representa o som falado em *regar* e *sede*. Já o fonema /s/ pode ser representado graficamente por *s* em *saber*, por *ss* em *missão*; por *c* em *centro*; por *ç* em *poça* e até por *x* em *próximo* (CUNHA; CINTRA, 2017).

Além do entendimento sobre os fonemas de forma sincrônica, nos dias atuais, existe todo um campo que olha para sua história. A fonética histórica estuda como os fonemas evoluem no tempo e no espaço (COUTINHO, 1938). Ela é baseada em leis fonéticas, que são princípios que balizam a evolução dos vocábulos em todas as línguas. Os neogramáticos do século XIX trouxeram a noção de que estas leis existem e são exercidas de forma gradual, inconsciente e constante. São elas a lei do menor esforço, a lei da permanência da consoante inicial e a lei da persistência da sílaba tônica. A lei do menor esforço é a tendência de simplificar a linguagem e torná-la mais rápida; a da permanência da consoante inicial indica que as consoantes posicionadas no meio e no final da palavra estão sujeitas a abrandamentos e quedas na evolução fonética, enquanto as iniciais permanecem integradas à língua; por fim, a da persistência da tônica traz o fato de que as palavras mantêm a mesma acentuação tônica do latim. Coutinho (1938) destaca que existem algumas exceções às leis, especialmente à segunda e à terceira, em razão de causas diversas. O deslocamento do acento tônico, por exemplo, deu-se em muitos casos na passagem do latim clássico para o latim vulgar e se manteve na transição para o português. Alguns exemplos de mudanças citados por Coutinho (1938, p.184) são *álacre* > *alécre* > *alegre* e *ténebras* > *tenébras* > *trevas*, na ordem: latim clássico > latim vulgar > português. Nos dois casos, a segunda vogal era seguida de grupo consonantal e, na prosa, começou a ser pronunciada como vogal tônica no latim popular.

Conforme Mattoso Câmara Jr (1979), do latim vulgar ao português, o sistema vocálico evoluiu de um conjunto de dez vogais para um quadro de sete. Foi criada uma oposição distintiva entre o timbre de /e/ e /o/, com os abertos (como em *aberto* e *posse*) e os fechados (como em *ameno* e *novo*). Viaro (20--) explica que toda língua latina ocidental passou pela mesma transformação vocálica, em que vogais longas ficaram mais fechadas e vogais breves ficaram mais abertas. Essas transformações demonstram bem as leis fonéticas, especialmente a do menor esforço, que versa sobre os abrandamentos e quedas de fonemas que facilitam as pronúncias. A figura 1 as exemplifica:



Figura 1 – Quadro vocálico do latim ao português

<ī>: *[i:] > *[i]	<i>ficum</i> > <i>figo</i>	[i]
<ī>: *[i] > *[e]	<i>siccum</i> > <i>seco</i>	[e]
<ē>: *[e:] > *[e]	<i>rētem</i> > <i>rede</i>	[e]
<ĕ>: *[e] > *[ɛ]	<i>ĕquam</i> > <i>égua</i>	[ɛ]
<ā>: *[a:] > *[a]	<i>pācem</i> > <i>paz</i>	[a]
<ă>: *[a] > *[a]	<i>māre</i> > <i>mar</i>	[a]
<ō>: *[o:] > *[o]	<i>rōtam</i> > <i>roda</i>	[o]
<ō>: *[o:] > *[o]	<i>amōrem</i> > <i>amor</i>	[o]
<ū>: *[u:] > *[u]	<i>lūpum</i> > <i>lobo</i>	[u]
<ū>: *[u:] > *[u]	<i>matūrum</i> > <i>maduro</i>	[u]

Fonte: Viaro (20--, p.1)

Junto ao quadro de sete vogais orais, a língua portuguesa evoluiu para mais um conjunto de vogais nasais, em que parte da expiração ressoa pelo nariz no momento da pronúncia. Geralmente ocorrem quando há o encontro com um fonema consonântico nasal, como nos exemplos: *rim*, *canta*, *lã*, *bomba*. As vogais também são classificadas normalmente por sua intensidade, que pode ser átona ou tônica. É comum, na análise dos fenômenos fonéticos e fonológicos, utilizar os termos *pretônica* e *postônica* para indicar a relação posição/intensidade dentro do vocábulo (CUNHA; CINTRA, 2017).

As semivogais ocorrem entre as vogais e as consoantes, quando os fonemas /i/ e /u/ (em alguns casos, /e/ e /o/ também) formam sílaba junto a outra vogal. Alguns exemplos estão em *rei*, *lábio*, *meu* e *quatro*, em que /i/ e /u/ funcionam como semivogais, enquanto em *riso* e *muro* eles funcionam como vogais (CUNHA; CINTRA, 2017).

Já o quadro de consoantes é bem mais extenso. São dezenove, geralmente classificadas conforme questões articulatórias. Diferentemente das vogais, em que a pronúncia é feita com a cavidade bucal livre para a passagem do ar, as consoantes são pronunciadas sempre com algum obstáculo em parte da boca. As classificações variam conforme as partes da boca que permitem pronunciar cada som. Alguns exemplos de sons transcritos são [b] em *bola*, [g] em *guitarra* e [ʃ], que pode representar tanto o primeiro som de *chato* como o de *xisto* (CUNHA; CINTRA, 2017).

### 3 METAPLASMOS

Após a contextualização sobre língua, fonologia e fonética, é possível conceituar o principal tema deste trabalho. Os metaplasmos, embora estejam ligados a todo o trajeto de mudanças da língua, são estudados e denominados dessa forma há pouco tempo, inclusive com discussões sobre essa denominação. O capítulo começa com o conceito e o histórico do termo e depois há as classificações que segmentam os diversos tipos de metaplasmo.

#### 3.1 CONCEITOS

O termo *metaplasmo* remonta ao livro *Retórica Geral*, publicado em 1970 por um conjunto de linguistas e semióticos da Universidade de Liège, na Bélgica: o Grupo  $\mu$ . O mesmo grupo envolveu-se posteriormente em outras obras que tinham relação com a poesia e a visualidade; no livro referido, seu foco era, em linhas gerais, abordar questões poéticas e visuais com base na sistematização de figuras retóricas (PONDIAN, 2016).

As figuras retóricas são procedimentos discursivos utilizados para construção de sentido. Quando representavam desvios da língua, eram consideradas como vícios de linguagem para pessoas comuns; para poetas, eram virtudes. No nível da palavra e da linguagem comum havia o barbarismo, que seria o equívoco gramatical produzido em apenas um vocábulo. O metaplasmo seria este mesmo erro, porém produzido apenas em textos literários. Normalmente correspondia a trocas fonéticas ou ortográficas e questões morfológicas, como em *problema/pobrema* (PONDIAN, 2016). Conforme a gramática de Bechara (2003) reforça, o barbarismo é considerado um vício ou anomalia de linguagem: “[...] o erro de pronúncia, de prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras.” (p.598).

A estilística surgiu como a disciplina que estuda os recursos afetivo-expressivos da linguagem. Ela também olha para as figuras retóricas, porém de forma interpretativa e não prescritiva. Os metaplasmos eram vistos como figuras *gramaticais* ou *de dicção*, compreendendo as alterações que ocorrem no interior das palavras e ficando no limite entre a correção e os vícios de linguagem (CARVALHO; DALLA

PRIA, 2009). Novamente, havia uma restrição do termo aos textos literários e à manipulação das palavras para determinada construção de sentido.

Um dos momentos em que o termo ganhou a conotação sobre a qual este trabalho versa foi na gramática histórica de Ismael Coutinho (1938), em que os metaplasmos eram definidos como as “[...] modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução histórica.” (p.188). A base do conceito era a mesma que a fonética e a estilística pregavam, porém a sua abrangência se mostrava muito maior. Araújo (2005) comenta que os principais dicionários da língua portuguesa definem o termo por meio de dois aspectos: o retórico, como um desvio na composição fonética correta das palavras; e o linguístico, como a designação comum a todas as figuras que modificam fonemas nas palavras.

Segundo Viaro (20--), alguns autores evitam fazer a associação e dão o nome genérico de *mudanças fonéticas* aos fenômenos que modificam os sons no interior das palavras. Seguindo a etimologia de Antenor Nascentes (1966), em que o metaplasmo tem sua origem no termo grego para *transformação*, e a explicação de Araújo (2005), em que *meta* significa *além* e *plasmo* significa *formação*, este trabalho utilizará a denominação *metaplasmo* em sua análise.

Os metaplasmos estão intimamente ligados às leis fonéticas, ocorrendo também de forma natural, gradual e inconsciente. Do latim ao português, houve grande evolução nas palavras; cada geração as alterou do seu jeito, e só após alguns séculos as mudanças se tornaram realmente concretas e sensíveis. Essa evolução não se percebe somente no trajeto do latim ao português, mas também dentro da própria língua portuguesa, ao comparar vozes de diferentes épocas (COUTINHO, 1938).

Leite e Botelho (2005) reforçam que as transformações fonéticas seguem agindo e modificando a língua. É possível observá-las especialmente na fala das pessoas, em diálogos cotidianos em que as palavras consagradas de uma forma no léxico são modificadas e pronunciadas de modo diferente. Este uso linguístico é tido, muitas vezes, como incorreto. Dentre os aspectos já citados (ARAÚJO, 2005), o metaplasmo, quando verificado dessa forma, costuma ser avaliado pelo critério retórico, como um desvio da norma gramatical. Araújo (2005) também comenta que é comum notar registros de mudanças fonéticas em populações rurais brasileiras e de baixo nível cultural, assim como em grupos sociais que usam a língua de maneira informal e despreocupada.

Em algumas situações, o uso informal visto atualmente como errado poderá ser consagrado e modificar, de fato, o que a norma gramatical da língua portuguesa aceita. Há diversos exemplos históricos que demonstram isso e que serão abordados na exemplificação dos diferentes tipos de metaplasmo. Os metaplasmos, segundo Leite e Botelho (2005), podem ocorrer por aumento, supressão, transposição ou transformação, todas as classificações referindo-se a alterações em um ou mais fonemas dentro de uma palavra.

### 3.2 TIPOS

Os tipos de metaplasmo são apresentados em suas classificações básicas: aumento, supressão, transposição e transformação de fonemas. Dentro de cada uma, são descritas suas diferentes subclassificações e exemplos de mudanças já consolidadas e mudanças em andamento no português brasileiro.

#### 3.2.1 Aumento

Os metaplasmos por aumento ocorrem quando são adicionados um ou mais fonemas a uma palavra (LEITE; BOTELHO, 2005; COUTINHO, 1938). Suas classificações são definidas conforme a posição em que a modificação ocorre e as condições no entorno do fonema que é adicionado.

A epêntese é a inclusão de um fonema no meio do vocábulo. O termo vem do grego “intercalação” (VIARO, 20--). Leite e Botelho (2005) destacam que, na língua oral, é possível observar esse metaplasmo em *asterisco* > *asterístico*; *beneficência* > *beneficiência* e *prazerosamente* > *prazeirosamente*. Os autores também trazem exemplos em que foi realizada a epêntese e as duas formas estão registradas em dicionários: *lista* > *listra* e *estalo* > *estralo*. Coutinho (1938) indica que a palavra *humilde* passou por processo similar em sua história, vindo do latim *humile*, assim como *umero* > *umbro* > *ombro*. A palavra *ouvir* também passou por epêntese para adicionar o [v]: *audire* > *ouir* > *ouvir* (VIARO, 20--), assim como *stella* > *strella* > *estrela* com a inclusão do [r] (ARAÚJO, 2005).

A anaptixe ou suarabácti é classificada ora como um metaplasmo específico (LEITE; BOTELHO, 2005), ora como um tipo especial de epêntese (VIARO, 20--; ARAÚJO, 2005; COUTINHO, 1938). Anaptixe vem do grego “ação de abrir” e

suarabácti vem do sânscrito “vogal que divide”. Este fenômeno tem grande relação com a característica silábica oral do português brasileiro (VIARO, 20--): trata-se da inserção de uma vogal para desfazer um grupo consonantal, como nos exemplos de Leite e Botelho (2005): *ignorante* > *iguinorante*; *pneu* > *peneu* ou *pineu* e *advogado* > *adevogado* ou *adivogado*. Existem também alguns exemplos de mudança histórica (COUTINHO, 1938), como: *grupa* > *garupa*, *blatta* > *bratta* > *barata* e *fevrairo* > *fevereiro*.

A palavra *adquirir* sofre a mesma mudança que *advogado* na fala, com o [i] sendo frequentemente pronunciado no meio do encontro *dq*. Segundo Bechara (2003), encontros consonânticos raros como *dm*, *gn*, *pt* e *ps* normalmente tendem a ser pronunciados de forma despreocupada com uma vogal intercalada, como em *admirar* > *adimirar* e *apto* > *ápito*.

A paragoge ou epítese é o metaplasmo que acrescenta um fonema no final da palavra, como em *ante* > *antes* (COUTINHO, 1938). Vem do grego “desvio” e ocorreu também em muitas palavras vindas do inglês, como *beef* > *bife*, *film* > *filme* e *club* > *clube*. Na fala, palavras terminadas em consoante diferente de [l], [r] e [s] comumente ganham, no português brasileiro, uma vogal [i] final: *sob* > *sobi* e *habitat* > *habitáti* (VIARO, 20--).

Já a prótese, do grego “adição” (VIARO, 20--), adiciona um fonema no início da palavra, como nas pronúncias *lembrar* > *alembrar* e *voar* > *avoar*, estas últimas já registradas em dicionários (LEITE; BOTELHO, 2005). Mudanças históricas são percebidas em *stare* > *estar*, *nanu* > *anão* e *spiritum* > *espírito* (ARAÚJO, 2005). Segundo Viaro (20--), esses exemplos demonstram que a adição de [e] antes de [s], seguido de consoante, é uma lei fonética na Romênia ocidental, como em *scholam* > *escola* ou *escuela* (em espanhol).

### 3.2.2 Supressão

Nos metaplasmos por supressão ou subtração, são retirados um ou mais fonemas de uma palavra (LEITE; BOTELHO, 2005; COUTINHO, 1938). Suas classificações também são definidas conforme a posição em que a modificação ocorre e as condições no entorno do fonema que é adicionado.

A aférese, do grego “supressão” (VIARO, 20--), suprime um fonema ou uma sílaba no início de uma palavra. Alguns exemplos típicos do português informal são

*ainda* > *inda*, *até* > *té*, *espera* > *péra* e *você* > *cê* (LEITE; BOTELHO, 2005). Os autores trazem a relação *está* > *tá* como exemplo de algo que ocorre informalmente porém as duas formas estão registradas por dicionários, embora no Michaelis (2021) *tá* seja tratada como interjeição coloquial. Araújo (2005) traz as seguintes mudanças históricas como exemplo: *germanum* > *ermano* > *irmão* e *apothecam* > *bodega*.

A apócope, do grego “supressão, amputação” (VIARO, 20--), é o fenômeno que suprime um fonema ou sílaba no final da palavra. Leite e Botelho (2005) citam os seguintes exemplos na língua informal: *bobagem* > *bobage*, *quer* > *qué*, *saber* > *sabê*, *passar* > *passá* e *parênteses* > *parentes*. Como falado em capítulo anterior, a influência indígena pode ter contribuído para a perda do [r] ao final de verbos no infinitivo e em palavras como *doutor* no português popular. Araújo (2005) contribui com as mudanças históricas *capitalem* > *capitale* > *capital* e *arborem* > *arbore* > *árvore*; Viaro (20--) cita *amant* > *amam* e *rosam* > *rosa*.

A síncope, do grego “encurtamento, redução” (VIARO, 20--), é a mudança em que há supressão de fonemas no meio da palavra. No português informal, ocorre em *horóscopo* > *horospo*, *bêbado* > *bebo*, *cócegas* > *coscas*, *também* > *tamém* e *mesmo* > *memo* (LEITE; BOTELHO, 2005). Coutinho (1938) cita as seguintes mudanças históricas: *malu* > *mau* e *mediu* > *meio*. Araújo (2005) destaca que, na utilização do gerúndio, a síncope é muito comum na fala popular: *estudando* > *estudano*, *correndo* > *correno* e *partindo* > *partino*.

Segundo Viaro (20--), existem vários tipos de síncope, que variam conforme o tipo de som e o entorno/posição na sílaba. Uma delas é a crase, que é a fusão de duas vogais iguais. Ela ocorre nas mudanças históricas, normalmente após a síncope de consoantes intervocálicas, como em *pedem* > *pee* > *pé* e *dolorem* > *door* > *dor*. No entanto, também há crase em vogais pretônicas, como em *excadescere* > *escaecer* > *esqueecer* > *esquecer* e *coloratum* > *coorado* > *corado*. Palavras como *empreender* e *surpreender* são comumente pronunciadas com apenas um [e], sendo modificadas atualmente pelo metaplasmo de crase.

### 3.2.3 Transposição

A transposição ocorre com deslocamento da posição de fonemas ou do acento tônico em uma palavra (LEITE; BOTELHO, 2005; COUTINHO, 1938). Quando é feita com mudança do acento tônico, também ganha o nome de *hiperbibismo*.

A metátese, do grego “troca de posição”, é a mudança de um fonema na mesma sílaba, como nos exemplos informais citados por Leite e Botelho (2005) e Araújo (2005): *perguntar* > *preguntar*; *prateleira* > *parteleira*; *entreter* > *enterter* e *preciso* > *perciso*. Historicamente, Coutinho (1938) destaca os exemplos: *semper* > *sempre*; *inter* > *intre* > *entre*.

Já a hipértese, do grego “ação de passar por cima”, ocorre quando há mudança entre sílabas. *Bicarbonato* > *bicabornato*; *problema* > *pobrema*; *lagarta* > *largata* e *satisfação* > *sastisfação* são alguns dos exemplos de movimentos atuais na fala citados por Araújo (2005). Ele e Coutinho (1938) citam também as seguintes mudanças históricas causadas por hipértese: *tenebras* > *treva*, *primarium* > *primairo* > *primeiro* e *rabia* > *raiva*.

Os dois metaplasmos de transposição do acento tônico (também conhecidos como hiperbibasmos) têm nomes que normalmente são utilizados nos movimentos do coração. A sístole vem do grego “contração” (VIARO, 20--) e é o deslocamento por recuo para uma sílaba anterior. Leite e Botelho (2005) exemplificam com as pronúncias informais: *rubrica* > *rúbrica*; *ruim* > *rúim*; *filantropo* > *filântropo*. Em algumas situações as duas grafias já são aceitas, como em *acrobata* > *acróbata*. Mudanças históricas (COUTINHO, 1938; ARAÚJO, 2005; VIARO, 20--) são visíveis em *libéllu* > *livél* > *nível*, *beneditctiône* > *benção* > *bênção*, *erámus* > *éramos*, *idólu* > *ídolo*, *ficatum* > *fígado* e *pantano* > *pântano*.

Já a diástole, do grego “dilatação” (VIARO, 20--), ocorre quando há o avanço do acento tônico para uma sílaba posterior. Há alguns exemplos de mudanças históricas (COUTINHO, 1938; ARAÚJO, 2005) em *océanu* > *oceano*, *gémitu* > *gemido* e *júdice* > *juiz*. Atualmente, algumas pronúncias informais são bons exemplos deste fenômeno (LEITE; BOTELHO, 2005): *gratuito* > *gratuíto*, *ínterim* > *interim* (*rím*) e *designo* > *desiguino* (*guí*).

Viaro (20--) destaca que a epêntese pode modificar a acentuação das palavras, modificando a sílaba tônica aceita pela norma gramatical. Em casos de verbos conjugados na terceira pessoa do presente do indicativo e subjuntivo, pode haver diástole na fala, como em *opto* > *opito* (*pí*), *impregna* > *impreguina*. Em outros casos, a epêntese modifica somente a localização da sílaba tônica, como em *táxi* > *táquici*, que passa de paroxítona para proparoxítona.

### 3.2.4 Transformação

O maior grupo de metaplasmos é o de transformação ou permuta. Eles ocorrem quando fonemas são trocados ou substituídos dentro de uma palavra (LEITE; BOTELHO, 2005; COUTINHO, 1938). Suas classificações têm relação com as características de cada fonema original e do novo. Aqui são descritas algumas delas.

O rotacismo ocorre quando há transformação do fonema /l/ em /r/. Há muitos exemplos na fala popular: *alface* > *arface*, *almoço* > *armoço*, *flauta* > *frauta* e *flecha* > *frecha*. Este tipo de troca é, inúmeras vezes, considerado como erro grave, mas algumas de suas formas são inclusive registradas em dicionários, como *frauta* e *frecha* (LEITE; BOTELHO, 2005). A história mostra como o rotacismo é um processo comum que realmente modifica os vocábulos, como em *blatta* > *barata* (NASCENTES, 1966), *placere* > *prazer* e *flaccum* > *fraco* (VIARO, 20--). A troca contrária ao rotacismo é chamada de lambdacismo e ocorre em situações como *cabeleireiro* > *cabeleleiro* (LEITE; BOTELHO, 2005).

A desnasalação é o nome do processo de transformação de um fonema nasal a um oral. Ela ocorre na fala informal em: *virgem* > *virge*, *homem* > *home*, *fizeram* > *fizero* (LEITE; BOTELHO, 2005). Mudanças históricas são visíveis em *luna* > *lua* e *corona* > *corõa* > *coroa*. A nasalação é o contrário da desnasalação e ocorreu com a mudança do fonema oral para nasal em, por exemplo, *multo* > *muito* (COUTINHO, 1938).

Palatização é o nome da transformação de um ou mais fonemas em uma consoante palatal (produzida com a elevação da língua ao céu da boca). Na linguagem informal, ocorre em *avião* > *avinhão*, *basculante* > *basculhante*, *salsicha* > *salchicha* (LEITE; BOTELHO, 2005). Araújo (2005) traz as seguintes mudanças históricas como exemplos: *oculu* > *oclu* > *olho*, *palea* > *palha* e *pluvia* > *chuva*. Existe também a despalatização, em que a palatal se transforma em uma oral, como na fala popular em *mulher* > *mulér* > *muié*. Como citado anteriormente, há indícios de que a presença africana no Brasil tenha contribuído nas modificações históricas que se utilizaram de rotacismo, desnasalização e palatização (HOLM, 1992 *apud* BONVINI, 2008).

A ditongação ocorre quando há a transformação de vogal ou hiato (encontro de duas vogais) em ditongo (junção entre vogal e semivogal). Leite e Botelho (2005) trazem os exemplos informais *bandeja* > *bandeija* e *caranguejo* > *carangueijo*. Araújo



(2005) exemplifica com as seguintes mudanças históricas: *malo* > *mao* > *mau*, *arena* > *área* > *areia* e *sto* > *estou*. Viaro (20--) atrela à noção de epêntese, normalmente um metaplasmo de aumento, um dos tipos mais comuns de ditongação do português brasileiro: a adição da semivogal [j] em sílaba final tônica, como nos exemplos: *capaz* > [ka'pajs] ou *capais*, *freguês* > [fre'gejs] ou *freguêis*, *arroz* > [a'hojs] ou *arrois*. A palavra *três*, um dos exemplos do próximo capítulo, passa comumente pelo mesmo processo. A monotongação é o processo contrário, a transformação do ditongo em vogal, muito comum também na fala informal, como em *doutor* > *dotor* e *Europa* > *Oropa* (LEITE; BOTELHO, 2005).

Por fim, segundo Coutinho (1938), a assimilação é a aproximação ou identidade perfeita entre dois fonemas, resultando da influência que um exerce sobre o outro. A assimilação contempla um dos grupos de mudanças mais variados: pode ser classificada como vocálica ou consonantal, perfeita ou imperfeita, progressiva ou regressiva. Na progressiva o fonema assimilador está em posição anterior na palavra, como em *nostru* > *nosso*; na regressiva ele está em posição posterior, como em *ersa* > *essa* e *paomba* > *poomba* > *pomba*. Na assimilação total ou perfeita, os fonemas se igualam, como em *persicu* > *pessicu* > *pêssego*; já na imperfeita, há semelhança, mas não identidade entre eles, como em *auru* > *ouro*.

Todos são exemplos de mudanças históricas. Mas como a assimilação ocorre na língua falada? Existem fenômenos ligados à assimilação que acontecem conforme algumas condições específicas e fazem com que, por exemplo, existam as pronúncias *pedir* > *pidir*, *estrada* > *istrada* e *pequeno* > *piquenu*. Dentro da pesquisa deste trabalho, há *coquetéis* > *coquitéis*, *desfrute* > *disfrute* e *gergelim* > *gergilin*. Harmonização e neutralização vocálicas estão entre os fenômenos ligados a essas situações e são abordadas na análise das imagens, no capítulo a seguir.

## 4 FENÔMENOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS RELACIONADOS ÀS MÍDIAS

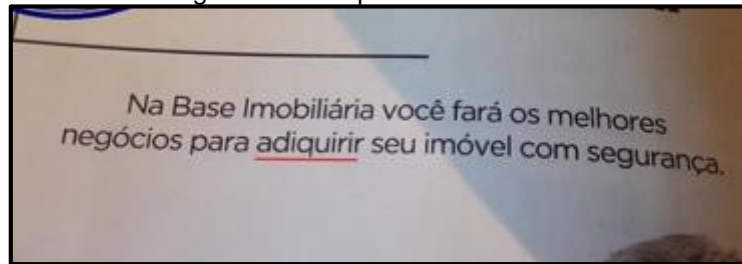
Após a descrição dos principais conceitos sobre metaplasmos, este capítulo traz as imagens que foram analisadas e os fenômenos que estão ligados aos metaplasmos ali presentes. A ordem do tópico segue a ordem das classificações apontadas no capítulo anterior, começando pelos casos de aumento, depois de supressão, transposição e, por fim, transformação. Cada seção já introduz o nome dos fenômenos vinculados ao seu metaplasmo específico.

Foram selecionadas 14 imagens dentre todo o contingente de postagens da página *Revisão S.A* entre os anos de 2015 e 2019. A maioria delas foi capturada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, sendo visualizadas em diversos canais de comunicação. Das 14 figuras, 5 foram localizadas em cardápios e placas de restaurantes; 3, em anúncios de revistas e jornais; 2, em folders comerciais; 1, em notícia de jornal; 1, em bilhete afixado em condomínio; 1, em recibo fiscal e 1, em anúncio colado atrás de veículo. Há, assim, uma distribuição entre mídias impressas mais sérias e outras mais populares, feitas informalmente. Apenas 2 situações envolvem texto escrito à mão e 1 estava disponível somente na *internet*, as outras 11 são impressas.

### 4.1 AUMENTO: SIMPLIFICAÇÃO DE SEQUÊNCIAS DE CONSOANTES OBSTRUENTES

O único exemplo de metaplasmo de aumento foi capturado em uma revista de abrangência local com foco em anúncios imobiliários (figura 2). Trata-se de uma anaptixe, com a inserção do [i] no encontro consonantal *dq* da palavra *adquirir*. Monaretto (2019) chama esse [i] de vogal *epentética*. Viaro (20--) ressalta que as epênteses, quando olhadas sincronicamente, são qualquer tipo de adição na palavra, enquanto, quando analisadas diacronicamente, são apenas aquelas adições no meio do vocábulo. As anaptixes podem ser tidas, então, como tipos especiais de epêntese.

Figura 2 – Metaplasmo de aumento



Fonte: O autor (2021)

Segundo Monaretto (2019), as sequências de consoantes adjacentes já existiam no latim, como em *aptu*, *obviu* e *alumno*. Muitas delas sofreram modificações e desapareceram nas línguas românicas, originando alguns elementos novos como o ditongo *ei* no português (*conceptu* > *conceito*; *regnu* > *reino*) e o ditongo *ui* no francês (*fructa* > *fruit*).

Na língua portuguesa, o processo de simplificação dessas sequências não foi uniforme. Algumas palavras seguem com o encontro, como *pacto*, *magno*, *amnésia* e *pigmento*, enquanto outras perderam a primeira consoante, como *sinal* (*signale*) e *aluno* (*alumno*). Há também as palavras registradas em dicionários com as duas formas, como *respectiva* > *respetiva* e *aspecto* > *aspeto* (MONARETTO, 2019). Fala-se em consoantes *obstruintes*, em cuja pronúncia há a obstrução total do ar dos pulmões que passa pelas cordas vocais (MICHAELIS, 2021).

De acordo com Monaretto (2019), as transformações das palavras com sequências de obstruintes desde o latim estão ligadas à pronúncia delas em certas variedades, ao contexto fonológico e a fatores etimológicos. Em alguns casos, a introdução das sequências na língua seguiu a ideia de uma supervalorização da erudição greco-latina (GONÇALVES, 1992, p.79 *apud* MONARETTO, 2019), sem necessariamente estar adequada às normas fonéticas vigentes. Depois, algumas palavras continuaram com a mesma estrutura por questões etimológicas (como *aspecto*, por exemplo) e outras tiveram alguma mudança com a retirada ou troca da primeira consoante C1. Palavras com os prefixos *ab*, *ad* e *sub* (*subproduto*, *abdômen*, *adverso*, *adquirir*) costumam ter comportamentos fonológicos independentes e dificilmente passaram por transformações semelhantes na C1 ao longo do tempo.

O processo de simplificação segue acontecendo. A inserção de uma vogal epentética entre as consoantes cria uma nova sílaba na palavra; no entanto, ocorre de forma variável, podendo ser mais favorecida em algumas variedades de fala do português do que em outras (COLLISCHONN, 2003, 2004 *apud* MONARETTO, 2019).

Cunha e Cintra (2017) reforçam que, na linguagem coloquial, existe uma tendência acentuada de destruir alguns encontros de difícil pronúncia, como em *digno* > *diguino*, *pneu* > *peneu* e *ritmo* > *ritimo*. Mattoso Câmara Jr. (1979) constata que a língua oral coloquial não tolera em seu padrão silábico a realização de consoante ao final de sílaba. Como Bechara (2003) comenta, às vezes algumas palavras são escritas de forma errada, no desejo de reparar um engano, devido às diferenças de grafia entre a língua escrita e a falada. Um exemplo é *adivinhar* > *advinhar*, em que a vogal é retirada erroneamente mas deveria constar (por questões etimológicas).

Collischonn (2004, p.67 *apud* MONARETTO, 2019, p.154) indica, com base em suas pesquisas, que a regra variável da epêntese pode estar vinculada às propriedades das consoantes:

No caso da posição em C2, a fricativa não sibilante (*advogado*) favorece mais a epêntese do que a nasal (*mogno*), e esta última parece favorecer mais significativamente a epêntese do que a oclusiva não nasal (*rpto*). No caso de sequências de alveolar-oclusiva (*adquirir*) e de labial-oclusiva (*optar*, *corrupto*) são mais favoráveis à epêntese do que velares-oclusivas (*aspecto*, *mogno*) e de velares-sibilantes (*opção*, *ficção*).

Da Hora e Guimarães (2016) explicam que fricativas, oclusivas e nasais são modos de articulação pelos quais as consoantes são classificadas. Nas fricativas o ar é pressionado pelos órgãos fonadores; nas oclusivas o fluxo de ar é interrompido por algum órgão, como o fechamento dos lábios ou a pressão da língua nos dentes, para depois ser imediatamente liberado; nas nasais o ar é bloqueado em algum ponto do trato vocal e sai pelas fossas nasais. Alveolares, labiais e velares indicam o ponto do trato vocal em que o som é articulado. Sibilantes são modos de articulação ligados às fricativas em que há passagem de ar da língua a um canal entre os dentes.

Collischonn (2004) também destaca que a posição do encontro em relação ao acento tônico pode ter influência na epêntese, uma vez que em seus estudos, realizados no Sul do Brasil, palavras com sequências de obstruintes na posição pretônica tiveram maior incidência do que na posição postônica. No estudo de Schneider e Schwindt (2010), a importância da posição em relação à sílaba tônica também aparece, com a suposição de que os falantes procuram evitar a epêntese postônica porque, nesse caso, poderiam gerar palavras com acento após a 3ª sílaba da direita para a esquerda, o que não existe na língua padrão (o exemplo dado é o vocábulo *étnico*, que, dessa forma, ficaria dividido em *é-ti-ni-co*). Palavras em que o encontro ocorre em razão da presença de prefixos (*ab-*, *ad-*, *ec-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*)

também apresentam ligeiramente maior incidência de epêntese na pesquisa dos autores. Outra variável relevante parece ser a presença de consoantes vozeadas (que fazem vibrar as cordas vocais) nos encontros, que favorece a inserção da vogal (SCHNEIDER; SCHWINDT, 2010; CRISTOFARO-SILVA; ALMEIDA, 2006; SILVEIRA, 2007 *apud* MONARETTO, 2019).

A palavra *adquirir* tem um encontro consonantal pretônico, que constitui uma sequência alveolar-oclusiva, tida como mais favorável à epêntese; é formada por um prefixo e uma base (do latim *adquirere* ou *acquirere*) e tem uma das sequências de obstruintes mais raras na língua – segundo Monareto (2019), há somente 13 registros no dicionário Aurélio com a sequência de sons *dk*. A anaptixe identificada na figura mostrada no início da seção é muito comum na língua falada, possivelmente em razão de todos esses fatores, e por isso pode aparecer também em determinadas situações de escrita.

#### 4.2 SUPRESSÃO: SIMPLIFICAÇÃO DE ENCONTROS VOCÁLICOS

A imagem capturada de metaplasmo de supressão estava presente em um *folder* de divulgação de um curso de gastronomia (figura 3). Trata-se de uma crase, com a supressão de um [e] no encontro vocálico *ee* da palavra *empreender*.

Figura 3 – Metaplasmo de supressão



Fonte: O autor (2021)

A crase tem um conceito mais popular ligado ao acento grave, que ocorre quando há uma junção de [a] como preposição e outro [a] que pode ser artigo ou pronome demonstrativo ou vogal inicial de pronomes como *aquela* e *aquele*. Assim, em vez de se escrever *aa*, utiliza-se o [a] com acento indicativo de crase. O metaplasmo funciona de forma semelhante, porém sem o acento, sendo apenas uma

subtração de um dos fonemas vocálicos quando há o encontro de duas vogais iguais, em sílabas diferentes, em uma palavra. Em outras palavras, a crase desfaz hiatos entre vogais iguais.

A crase é considerada um tipo de síncope, metaplasmo em que há a retirada de um ou mais fonemas no meio da palavra. Chaves (2011) ressalta que esta mudança geralmente ocorre nos segmentos átonos das palavras. Dubois (1978, p.551 *apud* Chaves, 2011) traz os exemplos *calidus* > *caldo* e *verecundiam* > *vergonha*, que vieram do latim e se transformaram em razão de uma síncope, com a retirada de [i] e [e], respectivamente.

Segundo Bechara (2003), há uma tendência na língua portuguesa, assim como em outras línguas, de evitar o hiato, por meio da ditongação ou da crase. A ditongação une as vogais na mesma sílaba, transformando uma delas em semivogal, enquanto a crase elimina uma das vogais que compõem o encontro. Ilari (1999) corrobora essa afirmação, destacando que o latim clássico tinha diversos hiatos; aqueles formados por vogais iguais foram simplificados já no latim vulgar, como *coorte* > *corte*, *mortuus* > *mortus* e *mihi* > *mi*; os formados por vogais distintas foram transformados em ditongo, como *foli-a* > *fo-lia* (com o [i] como semivogal).

Câmara Jr. (1979) indica que uma das razões para a existência das vogais [a], [e] e [o] no quadro vocálico atual está nas palavras em que houve crase na passagem do português arcaico para o contemporâneo. Ele exemplifica com os vocábulos *vagativum* (*latim*) > *vaadio* > *vadio* e *praedicare* (*latim*) > *preegar* > *pregar*. Ilari (1999) comenta que as vogais átonas, no latim vulgar, tinham maior tendência de queda do que as tônicas; Coutinho (1970, p. 106 *apud* Chaves, 2011) destaca que as vogais em posição pretônica eram mais resistentes ao apagamento, mas também reforça que, no período de formação da língua portuguesa, muitos processos de apagamento vocálico ocorreram em posições anteriores e posteriores à sílaba tônica.

Hricsina (2013), em estudo sobre a evolução do sistema vocálico do latim ao português, contribui com duas tendências que permearam a passagem do latim clássico ao latim vulgar. Uma delas foi a monotongação de vários ditongos, como em *poena* > *pena*; a outra foi a crase de hiatos, reforçando que, em casos de vogais semelhantes, essa mudança teria ocorrido já no latim clássico. Um dos exemplos de crase citados é *prehendere* > *prendere*.

Já no português arcaico, o autor cita Teyssier (2001, p.42 *apud* HRICSINA, 2013), que comenta que, no século XV, surgiram os fonemas /ɛ/ e /ɔ/ como resultado

da crase de duas vogais iguais em hiato. Eles se formaram após a queda de consoantes intervocálicas, como em *excadescere* > *eskaetser* > *eskætser* (no português atual: *esquecer*) e *colorare* > *koorar* > *kōrar* (no português atual: *corar*) Hricsina (2013) também destaca outros hiatos que se formaram pela queda de consoantes intervocálicas, como *color* > *coor*, *mala* > *maa* e *pede* > *pee*, sendo essa uma das características principais desse período da língua. A crase desses hiatos teria ocorrido já no século XIII. Havia também o que ele chama de hiatos primários, ou provenientes diretamente do latim, como *aprehendere* > *apreender* e *retrahere* > *retrair*. Estes perderam o [h] mas não foram craseados. É interessante constatar que os verbos *apreender* e *aprender* têm origem similar, porém um sofreu crase e o outro não.

Percebe-se que a simplificação de encontros vocálicos ocorreu em várias fases da formação da língua portuguesa, e a crase de vogais idênticas aparece em diversos exemplos históricos. Quantas palavras com encontros *ee* existem no português? Certamente não são tantas, e a maioria delas deve ter relação com prefixos como *re* e *pré* (*reescrever*, *reerguer*, *reestruturar*, *preexistente*, *preencher*) ou com o mesmo encontro final *preender* (*surpreender*, *repreender*, *compreender*).

Quando se analisa o caso capturado e postado na página *Revisão S.A.*, pode-se verificar a etimologia da palavra e fazer um comparativo com outras línguas. A palavra *empreender*, segundo Deonísio da Silva (2006), vem do latim *imprehendere*. A língua portuguesa evitou o *h* e deixou o *e* dobrado, sendo, segundo o autor, mais fiel ao latim, enquanto o francês *emprendre*, o provençal *emprendre*, o catalão *empendre*, o espanhol *emprender* e o italiano *imprendere* eliminaram o *ee* por meio da crase.

Como dito anteriormente, a crase efetivada em *prehendere* > *prendere* teria ocorrido já no latim clássico. Talvez o português tenha se prendido mais a questões ligadas à erudição latina, como já visto no tópico anterior a este, e por isso manteve encontros advindos deste radical em sua norma (*compreender*, *apreender*, *repreender*). Por outro lado, o espanhol ainda guarda palavras como *leer*, que no português passaram pelo mesmo processo de simplificação já citado (NASCENTES, 1966): *legere* > *leer* > *ler*.

Os encontros vocálicos podem ser facilmente evitados pelo falante despreocupado, o que possibilita que algumas mídias escritas cometam o tipo de

transgressão evidenciado na figura 3. E, assim, elas estão, na verdade, seguindo uma tendência histórica da língua.

#### 4.3 TRANSPOSIÇÃO: MODIFICAÇÃO DE RECOMENDAÇÕES ANTIGAS DE PROSÓDIA

A única palavra que se repete nas imagens capturadas é *gratuito*, com o acento tônico deslocado para o [i] e marcado por sinal gráfico. Aparece em um anúncio de jornal, um folder comercial, uma notícia de jornal e um anúncio na parte traseira de um carro (esse na forma *gratuita*), como é possível visualizar na figura 4. Essa repetição, ocorrendo inclusive em gêneros mais formais como uma notícia, transparece o que já é perceptível na fala cotidiana: a pronúncia comum da palavra, que deveria ser feita com o ditongo decrescente *ui*, ocorre com a transposição do acento tônico para o [i]. Conseqüentemente, a escrita baseada somente na fala deve incluir um sinal gráfico, conforme a regra de acentuação dos hiatos. Outras palavras com a mesma terminação sofrem a mesma modificação: *circuito*, *intuito*, *fortuito*.

Figura 4 – Metaplasmos de transposição



Fonte: O autor (2021)



Definir as modificações como diástoles, dentro dos conceitos dos metaplasmos de transposição, parece ser muito pouco para um cenário tão abrangente e visível na língua. Este tópico faz uma investigação sobre as origens dessa divergência que, de todos os exemplos que o trabalho traz, parece a mais próxima de ser aceita pela norma gramatical.

Conforme o gramático Bechara (2003), prosódia é a parte da fonética que descreve a correta acentuação e entonação dos fonemas. Geralmente, ela tem como principal foco a sílaba tônica das palavras. As palavras *gratuito*, *fortuito* e *fluido* são definidas taxativamente como paroxítonas (com o ditongo *ui* como parte da sílaba tônica), dentro do que a prosódia espera. Como é típico das gramáticas, o erro de prosódia, quando há deslocamento de seu acento tônico, ganha o nome de *silabada*.

Há uma outra noção, na mesma gramática (BECHARA, 2003), de diérese e sinérese, que seriam as modificações feitas na divisão dos encontros vocálicos. A diérese é a passagem de semivogal a vogal, que transforma ditongo em hiato, enquanto a sinérese é a junção de duas vogais de um hiato, transformando-o em ditongo. Essa noção é dada em contexto de mostrar como o português costuma evitar o hiato, conseqüentemente a sinérese seria um fenômeno mais comum. Também é destacada a presença dos fenômenos na métrica poética. No entanto, não se dá nenhum destaque para palavras como *gratuito* e *circuito*; estas seriam apenas silabadas e, se eventualmente pronunciadas com a sílaba deslocada, necessitariam de alteração gráfica. Cabe pensar como seria a divisão silábica em um poema que as utilizasse hoje.

Há algumas hipóteses relacionadas a esse metaplasmo. Diante de pouco material acadêmico específico, a pesquisa olhou para *sites* em que havia a pergunta básica feita por leitores: qual é a pronúncia correta? O *site Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, ligado à universidade portuguesa ISCTE-IUL, e o *blog* do escritor e jornalista Sérgio Rodrigues no *site* da revista *Veja* discutem a questão. O *Ciberdúvidas* (ROCHA, 2020) levanta uma possibilidade de interferência por analogia da terminação *-ito*, que ocorre como sufixo de diferentes origens e em que o [i] é normalmente núcleo da sílaba tônica: *conflito*, *meteorito*, *arenito*. A pronúncia delas poderia impactar na pronúncia de palavras como *fortuito*, até porque o número de palavras com o sufixo tende a ser muito maior do que o de vocábulos em que ele é precedido pelo ditongo *ui*.

Uma outra possibilidade no campo de fonologia e fonética seriam as condições da presença do ditongo *ui* na língua. Ele é formado por duas letras que normalmente aparecem mais como semivogais em ditongos (*peixe, ouro, couro, leite*), o que já faz com que, na fala, possa haver uma dúvida sobre a pronúncia de um [i] forte ou fraco. Quando o ditongo é sucedido por consoante, talvez a palavra mais comum seja *muito*, em que há nasalização na pronúncia; uma outra palavra em que há pronúncia nasalizada é *ruim*, embora esta seja, na verdade, formada por um hiato na prosódia recomendada. Por aproximação, nasalizar a pronúncia de *circuito* e *fortuito* (palavras menos comuns do que *muito*) não parece ser viável fonologicamente, o que pode fazer com que estes vocábulos sejam modificados na fala.

A origem dos termos no latim pode ajudar a esclarecer a questão. Segundo os *sites* pesquisados, o dicionário Houaiss indica que um dos principais dicionários etimológicos latinos, o Ernout e Meillet, fez uma retificação na pronúncia das palavras, passando de *gratuiŕtus* e *fortuiŕtus* para *gratuiŕtus* e *fortuiŕtus*. A mudança do sinal acima do [i] indica que ele deixa de ser breve e passa a ser tônico. O Houaiss diz que essa mudança é recente, e que, por isso, não houve tempo para alterar o padrão já consagrado. Ele também dá a entender que a pronúncia “errada” dos dias atuais teria relação com a hipercorreção, em que falantes com medo de errar modificariam a pronúncia de forma equivocada (ROCHA, 2020; RODRIGUES, 2015).

No entanto, outras evidências reforçam que a origem latina precisa ser considerada. O Dicionário Escolar Latino-Português, de 1962, traz a escrita *grātuŕtus* e indica que, em outra fonte, o “Estácio”, há a escrita com o [i] breve, *gratuiŕtus* (FARIA, 1962). A Real Academia Espanhola também considera a origem com a sílaba tônica no [i]: *gratuiŕtus* (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2021). Em um documento histórico, no *The Classical Journal* do ano de 1824, o estudioso britânico E. H. Barker faz uma discussão sobre a penúltima sílaba dos termos latinos *gratuitus* e *fortuitus*. Ele comenta que, conforme a etimologia dos vocábulos e a presença dos termos em antigos textos romanos poéticos, o correto seria pronunciar o [i] breve, embora, para muitos, na época, o ditongo *ui* fosse considerado uma novidade no latim (BARKER, 1824). Claramente, havia dúvidas sobre a pronúncia já no século XIX.

É necessário considerar também que outras línguas românicas utilizam os mesmos vocábulos. Segundo o dicionário Michaelis, em espanhol a pronúncia (disponibilizada em áudio) ganha ênfase no [i] tônico, enquanto em italiano o ditongo é mais proeminente (MICHAELIS, 2021). Chama a atenção que no galego, língua que

está na origem do português e ainda é falada em uma região da Península Ibérica, as palavras *gratuito* e *circuito* são escritas com acento gráfico no [i]. A pronúncia ouvida no *site* da Real Academia Galega se assemelha à pronúncia popular da língua portuguesa (REAL ACADEMIA GALEGA, 2021).

São necessárias pesquisas mais profundas, mas a verdade é que existe uma possibilidade de as palavras terem sido recomendadas pelos antigos com ditongo para se aproximar da erudição latina, mas rapidamente essa pronúncia parece ter sido modificada pelas línguas. Algumas, como o galego, mantiveram inclusive o acento gráfico, que, nas imagens captadas para o *Revisão S.A.*, era a evidência de que algo estava errado. A língua portuguesa segue recomendando de forma intransigente a prosódia com ditongo, mas os fatos de outras línguas, a verificação da forma como o termo latino original era escrito e as palavras com terminação parecida e pronúncia diferente no português são indícios de que a tendência de mudança captada nas imagens pode vir a se concretizar dentro da norma gramatical no futuro.

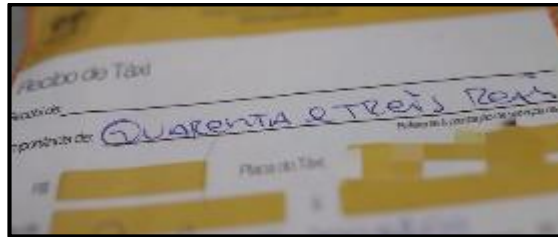
#### 4.4 TRANSFORMAÇÃO: DITONGAÇÃO E MUDANÇAS DE ALTURA VOCÁLICA

As imagens referentes a metaplasmos de transformação representam a maior parte do *corpus* deste trabalho. Uma delas está ligada à inserção de semivogal para criação de ditongo, enquanto as outras sete figuras envolvem mudanças de traço de altura vocálico e simplificações de hiatos e ditongos.

##### 4.4.1 Formação de ditongos antes de S

A imagem capturada foi uma das poucas escritas à mão, em contexto bastante específico (figura 5). Um taxista, ao escrever o valor da corrida em um recibo, escreveu a palavra *três* com um [i] entre o [e] e o [s]: [ˈtrejs]. É possível que a pressa para executar o ato em meio ao trânsito tenha possibilitado uma escrita bastante despreocupada e baseada apenas nos hábitos normais do falante.

Figura 5 – Metaplasmo de transformação – ditongação



Fonte: O autor (2021)

O latim clássico tinha apenas quatro ditongos (*ae*, *oe*, *au* e *eu*). Conforme Abaurre (2019), a passagem pelo latim vulgar e a posterior transição para o português possibilitaram diversas modificações, entre elas um número muito maior de ditongos. Essa formação se deu por síncope, como em *malu* > *mau*; semivocalização de consoantes, como em *conceptu* > *conceito*; metátese, como em *ferrariu* > *ferreiro* e epêntese em contextos de hiato, como em *freo* > *freio*.

O português europeu segue pronunciando alguns encontros de consoantes, como em *facto*. Já o português brasileiro tem algumas tendências fortes de ditongação e monotongação em sua prosódia. Celso Cunha (1986, p.209), em artigo sobre características conservadoras e inovadoras do português brasileiro, destaca que uma dessas inovações significativas é o que ele chama de “desenvolvimento de um iode antes de –s implosivo, principalmente quando palatalizado, o que permite, por exemplo, a rima de *atrás* com *vais*, de *vez* com *seis*, de *atroz* com *sóis* e de *nus* com *azuis* [...]”. O *iode* é chamado frequentemente de *glide* por autores como Bisol (1994, p.135 *apud* CALLOU; BRANDÃO, 2019).

Em outras palavras, Câmara Jr. (1979) indica que o sistema de ditongos foi afetado em algumas áreas do Brasil em situações do que ele chama de [s] de travamento. No estado do Rio de Janeiro, por exemplo, não há oposição distintiva entre *ai* e *ais* e *ei* e *eis*, favorecendo a pronúncia do ditongo. Na literatura, as rimas poéticas incorporaram essa inexistência de oposição, consagrando rimas como *Satanás* e *ais* e *luz* e *azuis*.

Existem discussões sobre a origem do *glide* que forma a ditongação. Albano (2001, p.86 *apud* ABAURRE, 2019) dá a entender que ele seria uma forma de suavizar a trajetória entre vogais e consoantes, sendo condicionado pela vogal à esquerda. Já Bisol (2012, p.64 *apud* ABAURRE, 2019), em teorias amplamente aceitas para o português brasileiro, indica que o traço da consoante à direita faz toda a diferença,

com características que expandem o “nó da cavidade oral” da estrutura da consoante e permitem a inserção da semivogal.

Leite, Callou e Moraes (2003, p.245 *apud* CALLOU; BRANDÃO, 2019) estudaram a fala no Rio de Janeiro e identificaram que a ditongação raramente acontece em coda de sílabas internas, sendo favorecida em contextos em que a sílaba recebe o acento frasal e em monossílabos tônicos. Leiria (2000), em estudo realizado na região Sul, demonstra que a variável de maior relevância na pronúncia do ditongo antes de –s é a variedade geográfica, com um percentual bem maior de ocorrência de ditongação conforme os estados se afastam do Rio Grande do Sul. Uma outra observação da autora, sem tanta relevância estatística, mas com interessante contribuição para este trabalho, é o status morfêmico da partícula sibilante –s. Quando ela pertence à raiz da palavra, a aplicação da ditongação é favorecida em relação a quando ela ocorre por meio de morfema derivacional ou flexional. Os exemplos citados para as duas situações são os vocábulos *três* (raiz) e *camponês* e *pés* (morfema final). Tasca (2005) analisa alguns estudos semelhantes, inclusive o de Leiria (2000), e reforça que a ditongação parece ocorrer mais em monossílabos tônicos, na sílaba tônica e com maior frequência entre pessoas mais velhas.

Uma outra questão avaliada é se a ditongação ocorreria somente diante de consoantes palatais ou também de alveolares. Conforme a região, pode-se usar para as mesmas palavras os sons [j] e [ʒ] ou [s] e [z], respectivamente (no Rio de Janeiro as palatais são mais comuns, como em *me[jʒ]mo* e *re[jʃ]*). Leiria (2000) e Aquino (2004 *apud* CALLOU; BRANDÃO, 2019) mostram que o *glide* transicional pode ocorrer em ambas as situações, inclusive com vantagem para as alveolares, aparentemente com influência forte da região geográfica.

Maria Abaurre (2019) analisa diversas cartas e anúncios publicitários dos séculos XVIII, XIX e XX, apontando a presença ou não de ditongações e monotongações. Com relação ao ditongo analisado neste capítulo, em documentos oficiais, encontrou somente a palavra *mas* escrita como *mais*. Em cartas pessoais e anúncios publicitários, especialmente em documentos populares, escritos pelo que ela chama de mãos “inábeis”, foram encontrados diversos exemplos de ditongações comuns na pronúncia atual de algumas regiões, como *oceis*, *voceis*, *rapais*, *veis*, *nois* e *franceis*, além de alguns mais incomuns, como *conheicido*, *quaize*, *traizer*, *dezeijo*, *veijo* e *seija*. Em todos esses exemplos, a modificação ocorre antes de consoantes alveolares e palatais, cenários claramente favorecedores à inserção do *glide*. A autora

indica que o maior ou menor contato com a ortografia, na época referida, faz diferença nos exemplos encontrados nos documentos, assim como esses são reflexos de processos fonológicos que ocorriam naqueles contextos.

Considerando o contexto em que foi escrita, a imagem capturada diz muito sobre um processo extremamente comum na língua portuguesa. Como diz Tasca (2005), desde o português arcaico este fenômeno é constatado e está arraigado no conhecimento popular. Além de ter sido capturada em São Paulo, região próxima de Paraná e Rio de Janeiro, que nos estudos avaliados tendem a ter maior ocorrência de ditongação, a palavra *três* é um monossílabo tônico, sem um morfema derivacional ou flexional, fatores que favorecem a ditongação. Por ser palavra muito comum, é possível que, com um mínimo esforço de revisão, fosse alterada, mas a escrita rápida e feita por pessoas com pouco contato com as letras pode redundar em figuras como a capturada neste tópico.

#### 4.4.2 Neutralização vocálica

Segundo Da Hora e Magalhães (2016), a assimilação é um dos processos fonológicos mais comuns em todas as línguas. A assimilação, nas palavras de Viaro (20--, p.17), é a “mudança dos traços fônicos de um determinado som, visando à aproximação dos pontos de articulação de outro som similar vizinho, contíguo ou não, de forma total ou parcial.”. Da Hora e Magalhães (2016) especificam que o processo ocorre baseado em um gatilho e um alvo. Do primeiro, emanam os traços rumo ao segundo, que pode estar à sua direita ou à sua esquerda. Assimilações regressivas, que ocorrem da direita para a esquerda, são mais comuns do que progressivas.

Foram capturadas sete imagens que representam assimilações ou vocalismos da língua. São pronúncias comuns na fala do português brasileiro, porém em desacordo com as normas gramaticais. Cinco delas estavam em cardápios de restaurantes ou similares (como em uma placa de *buffet*), uma foi escrita em um anúncio afixado no elevador de um prédio e a última foi impressa em um anúncio publicitário de revista. Este tópico estrutura-se de forma diferente dos demais: fala-se sobre as questões principais que estão por trás das imagens e elas são apresentadas gradualmente.

Segundo Callou & Leite (2000, p.76 *apud* RIBEIRO, 2007), a neutralização é um processo por meio do qual dois ou mais fonemas opostos em um contexto

específico deixam de sê-lo em outro. Por meio desse processo, as vogais médias baixas ou abertas [ɛ] e [ɔ] e as médias altas ou fechadas [e] e [o], que em determinadas palavras geram diferença de sentido, como em s[ɛ]co e s[e]co, s[ɔ]co e s[o]co, deixam de gerar em outras, como prót[e]se e prót[ɛ]se e agríc[o]la e agríc[ɔ]la, podendo se neutralizar também com as vogais altas [u] e [i], em prót[i]se e agríc[u]la (RIBEIRO, 2007).

Segundo Bisol (2003), a neutralização ocorre em sílabas pretônicas, átonas finais e átonas não finais. Nas postônicas não finais, a regra de neutralização é variável conforme a região geográfica e a palavra específica, pois algumas proparoxítonas são mais resistentes, como *vértebra*, e outras estão mais sujeitas ao fenômeno, como *fósforo* > *fósfuro* e *alfândega* > *alfândiga*. Da Hora e Magalhães (2016) reforçam que o processo não é uniforme na prosódia de todas as regiões do Brasil, podendo, em alguns estados, favorecer a presença de [e] e de [o], especialmente no Sudeste, e de [ɛ] e de [ɔ] em grande parte do Nordeste. Portanto, no quadro de vogais pretônicas o número de 7 é reduzido para 5, com a neutralização de [e] e [ɛ] e de [o] e [ɔ]. Na sílaba átona final, o processo ocorre de forma a excluir todas as vogais médias e substituí-las por altas, com a neutralização de [e] e [i] em val[e] e val[i], por exemplo, e de [o] e [u] em lix[o] e lix[u], culminando em um sistema de somente 3 vogais átonas finais: [i], [u] e [a]. Bisol (2003) indica que as postônicas não finais flutuam entre os dois sistemas átonos.

Figura 6 – Alçamento postônico final



Fonte: O autor (2021)

As neutralizações de vogais átonas finais também são conhecidas como alçamentos postônicos. Segundo Viaro (20--), por serem fenômenos sistemáticos ou vocalismos, não se encaixam no conceito de assimilação. Regras de neutralização são processos naturais e atuam em contexto de simplificação do sistema, sendo encontradas em muitas outras línguas do mundo (BISOL, 2003). Dessa forma, a palavra *bifi*, na figura 6, é pronunciada comumente com o [i] no lugar do [e], assim como diversas outras palavras (*humild[i]*, *suav[i]*), tendo sua transformação ligada ao

processo natural de neutralização característico da língua, e não em razão de um metaplasmo de assimilação. Optou-se por trazer, mesmo assim, o exemplo, para demonstrar como a pronúncia tão corriqueira pode resultar na escrita alterada. É interessante considerar que o cardápio do *buffet* muda diariamente, e o nível provável de habilidade de quem imprimiu pode ter sido inversamente proporcional à velocidade exigida na digitação e na impressão do texto.

Assim como o alçamento postônico, a harmonia ou harmonização vocálica está diretamente ligada ao processo de neutralização, segundo Ribeiro (2007). No conceito clássico de Bisol (1981, p.259 *apud* Magalhães, 2019), trata-se de uma assimilação regressiva, desencadeada pela vogal alta da sílaba em posição imediatamente posterior, que pode se estender a uma ou mais vogais do ambiente. Da Hora e Magalhães (2016) a definem em outras palavras como a assimilação do traço de altura da vogal, ocorrendo quando uma vogal alta na sílaba tônica estende seus traços para a vogal pretônica, como nos exemplos *perigo* > *p[i]rigo*, *fortuna* > *f[u]rtuna*, *menino* > *m[i]nino* e *coruja* > *c[u]ruja*.

Magalhães (2019), em estudo de documentos históricos, utiliza as regras definidas por Bisol (2009, p.79 *apud* Magalhães 2019) para definir algumas possibilidades de variação de vogais médias pretônicas. Além da harmonia, há o alçamento sem motivação aparente, em que a vogal pretônica é elevada sem ter uma vogal alta na sílaba seguinte. Há exemplos como *colégio* > *culégio*, *pequeno* > *piqueno* e *melhor* > *milhor*.

Figura 7 – Metaplasmos de transformação – vogais pretônicas



Fonte: O autor (2021)

Na figura 7, há três palavras em que o som [e] é substituído pelo [i], em *gergelim* > *gergilin*, *coquetéis* > *coquiteis* e *disfrute* > *desfrute*. Os três exemplos estão elevando a vogal pretônica; no entanto, somente o *gergilin* e o *disfrute* o fazem baseados na regra de harmonia vocálica. O *coquiteis* se encaixa na classificação de alçamento sem

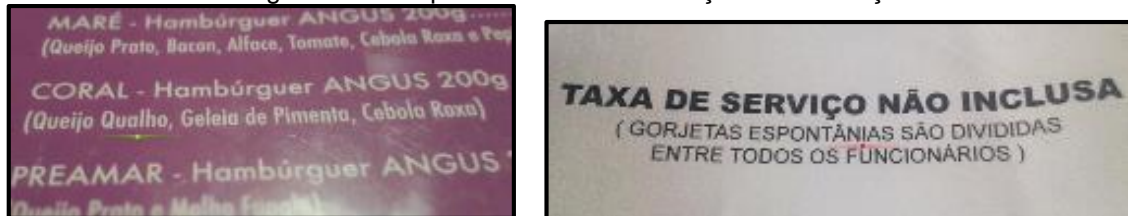


razão aparente. Magalhães (2019) identifica em seu estudo grande variabilidade na forma como as vogais pretônicas aparecem na história do português brasileiro, sem predomínio da harmonização vocálica.

#### 4.4.3 Casos especiais – ditongos e hiatos

Existem duas imagens dentre as capturadas (figura 8) que demonstram a dificuldade de se enquadrar palavras que eventualmente são pronunciadas com ditongo crescente.

Figura 8 – Metaplasmos de transformação – assimilações 1



Fonte: O autor (2021)

Os ditongos decrescentes, conforme Cunha e Cintra (2017), são os únicos estáveis da língua. Bechara (2003) reforça que existe uma discussão sobre a existência dos ditongos crescentes no português, visto que a pronúncia da semivogal é bastante variável e há uma tendência coloquial à formação de hiatos. As palavras *coalho* e *espontâneas*, em pronúncia corriqueira, possibilitam a dúvida sobre a existência ou não de ditongo, e contam com encontros vocálicos incomuns: *oa* e *ea*.

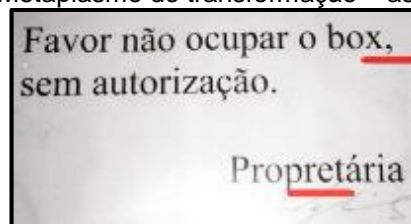
Cunha e Cintra (2017) ressaltam que, quando a semivogal [w] é precedida de [k] ou [g], ocorrem os únicos ditongos crescentes estáveis da língua coloquial, como nos vocábulos *quase*, *quando*, *igual* e *enxaguar*. A palavra *coalho*, assim, parece, no cardápio em que aparecia, ter sido levada para um contexto de maior segurança em relação à pronúncia típica daquela região. É interessante destacar que a fotografia foi feita na cidade do Rio de Janeiro. Considerando a questão da estabilidade do ditongo, a escrita segue o que parece ser mais seguro para o falante em relação a outras palavras de pronúncia semelhante.

Conforme o dicionário Michaelis (2021), as vogais dos ditongos crescentes aceitam dupla separação silábica, portanto, a separação da palavra poderia ser feita em *co-a-lho* ou *coa-lho*. É difícil aplicar as regras de neutralização nesse contexto, uma vez que a vogal/semivogal neutralizada pode estar na sílaba tônica ou pretônica,

e a literatura pesquisada não parece trazer a resposta para esse tipo de caso. Ainda assim, é possível enquadrar a situação como uma assimilação regressiva, pois o fonema /o/ é diretamente influenciado pelo fonema seguinte /a/ e acaba sendo alterado. O [o] transforma-se na semivogal [w] e, possivelmente por aproximação, a palavra é modificada para *qualho*, uma vez que não existem muitas palavras comuns na língua com o encontro *cua*, principalmente no início de palavra.

Já na palavra *espontânea*, o ditongo crescente, no português brasileiro, é comumente pronunciado, porém a semivogal dificilmente ocorre com o [e], assim como na palavra *rédea*. Por estar na sílaba final da palavra, o exemplo se parece com o da palavra *bife*, podendo ser enquadrado como um alçamento vocálico motivado por regras de neutralização. A questão que fica é em relação ao comportamento dessas regras em casos de ditongo crescente, uma vez que o [a] influencia a alteração do som (pode ser uma assimilação), o que não se esclareceu pelas fontes analisadas.

Figura 9 – Metaplasmo de transformação – assimilações 2



Fonte: O autor (2021)

Por fim, há um caso diferente dos demais, mas que também envolve encontros vocálicos. A palavra *proprietária* tem pronúncia complexa, com uma sílaba formada por 2 consoantes e um encontro subsequente entre [i] e [e]. Nesse caso, a divisão silábica da palavra na norma gramatical do português brasileiro ocorre assim: *pro-prie-tá-ria* (também se aceita a divisão da sílaba final em *ri-a*). No entanto, a pronúncia rápida do cotidiano faz com que existam algumas variações dialetais no termo.

Pode ser pronunciada rapidamente como ditongo, em *pro-prie-tá-ria*; há também situações em que o segundo [r] é retirado para facilitar a articulação, em *pro-prie-tá-ria*; e existe a pronúncia da figura 9, que retira o primeiro [i]. Existe uma assimilação regressiva total que faz com que o [e] permaneça, porém influencie a retirada de um dos sons anteriores. Outras palavras que contam com o mesmo encontro também sofrem modificações, como *série* e *cárie*. A diferença é que a posição da sílaba e a presença das consoantes na palavra referida favorecem a permanência do [e], enquanto nas outras palavras o [i] tende a ser reforçado, até pelas

regras de neutralização já comentadas. No caso de *propretária*, não há mudança de altura vocálica, mas sim uma simplificação de encontros complexos para o falante.

## 5 CONCLUSÃO

Uma das principais fontes para este trabalho foi o volume 3 do livro “História do Português Brasileiro”, parte de uma coleção de amplos estudos realizados por grandes linguistas brasileiros durante muitos anos de pesquisa. Chama a atenção uma passagem de Maria Abaurre (2019, p.81) no capítulo “Monotongações e ditongações”:

Se, por um lado, a discussão de fatos prosódicos com base em dados escritos oferece desafios consideráveis, uma vez que a maioria dos aspectos prosódicos não tem representação direta na escrita alfabética, a discussão de determinados fatos segmentais, como é o caso da representação das sequências vocálicas do português, pode beneficiar-se da observação de ocorrências escritas, desde que se tenha o cuidado de tomá-las como indícios e não como evidências definitivas do que se pretende demonstrar.

Difícilmente haveria melhor frase para iniciar a conclusão deste trabalho. As imagens divulgadas na página *Revisão S.A.* e exploradas no estudo foram tratadas sempre com o viés do indício, de algo que aparenta estar ligado a determinados fenômenos, e nunca com a certeza ou com afirmações categóricas.

A língua portuguesa mudou muito desde o seu início até os dias atuais, e poucos fatos são mais concretos do que o seu contínuo movimento até hoje. A questão é que os movimentos demoram muito tempo para ser consagrados pela norma e para perder o estigma de algo errado, fora do padrão. Mas será que eles precisam ser consagrados? Quantas vezes se ouve que o Acordo Ortográfico de 1990 não contemplou tudo que deveria ou implementou mudanças desnecessárias? Para alguns propósitos comunicativos, a modificação da escrita com base na prosódia não tem nenhum efeito prático, mostra-se clara no que quer comunicar e, muitas vezes, somente o olho mais atento ou treinado consegue percebê-la. Algumas das imagens do trabalho estão inseridas nesse contexto. Difícilmente a escrita *biff[i]* fará com que a pessoa não coma no restaurante, mas sim a qualidade do que é oferecido lá.

A pesquisa demonstrou que a análise está quase sempre vinculada a modificações recorrentes desde a passagem do latim vulgar ao português, que seguem acontecendo; que a variação geográfica parece ser decisiva na frequência de algumas pronúncias, considerando os diversos sotaques brasileiros; que alguns fenômenos são tão comuns, como o alçamento postônico final de *biff[i]*, que os linguistas já definem quadros vocálicos diferentes conforme a posição silábica, embora na língua escrita esse tipo de alteração não seja aceito. O caso mais repetido

nas figuras, da palavra *gratuito*, é um exemplo de como existe alguma noção sobre sua origem, mas as pesquisas em linguística e filologia certamente ainda podem evoluir para esclarecer essa e outras transformações.

Muito se ouve também, informalmente, que o português é uma língua difícil. Alguns dos metaplasmos praticados atualmente modificam construções muito antigas, que possivelmente têm relação com recomendações ligadas a uma erudição greco-latina e que nunca foram alteradas formalmente, como os encontros de consoantes obstruintes. Essas recomendações, alheias ao modo pelo qual a língua é falada (e possivelmente já eram assim no seu momento inicial de uso), podem compor o conjunto de condições que faz com que o aprendizado do português seja considerado tão complexo. Outras línguas praticaram simplificações ao longo do tempo, como o que se viu nas crases vocálicas do vocábulo *empreender*.

Houve desafios iniciais que envolveram a seleção das imagens, pois nem todo equívoco gramatical estava necessariamente ligado a uma questão fonética; muitas vezes não passava de mero erro de digitação. Depois, a classificação correta das imagens em relação aos metaplasmos também se mostrou complexa, uma vez que alguns metaplasmos são enquadrados de formas distintas por autores diferentes. A pesquisa dos fenômenos que estão na origem das modificações se revelou, ao mesmo tempo, bastante complexa e gratificante, trazendo algumas novas possibilidades e suscitando novas questões que poderão ser trabalhadas futuramente em outros estudos.

O trabalho tentou capturar a essência das situações envolvidas nas imagens e trazer os principais autores que versam sobre a base daquele metaplasmo. Pode ser trabalhado em profundidade cada fenômeno fonético e fonológico específico que está em sua origem, assim como cada grupo de metaplasmos ou a importância das questões etimológicas nas transformações e na permanência de determinadas palavras com a mesma escrita aceita até hoje.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria B. Monotongações e ditongações. *In*: CASTILHO, Ataliba T. de (Coord.). **História do Português Brasileiro**. v. 3. São Paulo: Contexto, 2019. p. 78-107.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009. Em PDF.
- ARAÚJO, Ruy Magalhães de. Metaplasmos: um paralelo diacrônico e sincrônico. *In*: Congresso de Letras da UERJ, 2., 2005, São Gonçalo. **Anais [...]**. São Gonçalo: UERJ, 2005. Disponível em: <http://filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/palestras/ruymagalhaesdearaujo.pdf>. Acesso em: 1 set. 2021.
- ASSIS, Maria Cristina de. **A história da língua portuguesa**. João Pessoa: UFPB, 2011. Em PDF.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007. Em PDF.
- BAGNO, Marcos. Variação linguística. *In*: FRADE, Isabel *et al* (Org.). **Glossário Ceale: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte, [20--]. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/variacao-linguistica>. Acesso em: 16 nov. 2021.
- BARKER, Edmund H. De quantitate syllabarum ancipitum in Fortuitus, Gratuitus. Pituita. *In*: VALPY, A.J. (org.). **The Classical Journal**. Londres, v. 29, jan. 1824. p. 350-356. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=kb4wAAAAYAAJ&pg=GBS.PP10&hl=pt>. Acesso em: 1 set. 2021.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.
- BISOL, Leda. Neutralização das átonas. **Revista D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 267-276, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/N77NW4GtS3t35vbhmNcsdcb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 out. 2021.
- BONVINI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. *In*: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (org.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 15-62. Em PDF.
- CALLOU, Dinah. BRANDÃO, Silvia F. Pressupostos básicos para uma caracterização fonológica do português brasileiro. *In*: CASTILHO, Ataliba T. de (Coord.). **História do Português Brasileiro**. v. 3. São Paulo: Contexto, 2019. p. 34-59.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CARVALHO, Gislaine; DALLA PRIA, Albano. Sob a égide da tradição retórica e estilística: as figuras de linguagem. **Web revista página de debates**: questões de linguística e linguagem. Nova Andradina, 7. ed., jul. 2009. Disponível em: <http://cepad.net.br/linguisticaelinguagem/EDICOES/07/Arquivos/8.1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

CHAVES, Raquel G. **A redução de proparoxítonas na fala do Sul do Brasil**. 2011. Dissertação de Mestrado (Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2012/1/431894.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

COLLISCHONN, Gisela. Epêntese vocálica e restrições de acento no português do Sul do Brasil. **Signum**: Estud. Ling., Londrina, n. 7/1, p. 61-78, jun. 2004. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/183212/000447540.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 set. 2021.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. Em PDF.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017. Em PDF.

DA HORA, Dermeval; MAGALHÃES, José. **Fonologia, variação e ensino**. Natal: EDUFRN, 2016. *E-book*. Disponível em: <http://bibliotecadigital.sedis.ufrn.br/interativos/profletras/>. Acesso em: 1 nov. 2021.

DA SILVA, Deonísio. Empreender, do latim imprehendere, é prender nas mãos, assumir... *In*: CARAS. 2 nov. 2006. Disponível em: <https://caras.uol.com.br/arquivo/empreender-do-latim-imprehendere-e-prender-nas-maos-assumir.phtml>. Acesso em: 1 out. 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **História do português**. São Paulo: Parábola, 2019. Em PDF.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008. Em PDF.

FARIA, Ernesto (org.). **Dicionário Escolar Latino-Português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Artes Gráficas Gomes de Souza S/A, 1962. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=24675](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=24675). Acesso em: 1 set. 2021.

GRATUITO. *In*: MICHAELIS. Dicionário Escolar Espanhol. [São Paulo]: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/escolar-espanhol/busca/espanhol-portugues/GRATUITO/>. Acesso em: 1 out. 2021.

GRATUITO. *In*: MICHAELIS. Dicionário Escolar Italiano. [São Paulo]: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/escolar-italiano/busca/italiano-portugues/gratuito/>. Acesso em: 1 out. 2021.

GRATUITO. *In*: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la lengua española. 2021. Disponível em: <https://dle.rae.es/gratuito>. Acesso em: 1 out. 2021.

GRATUITO. *In*: REAL ACADEMIA GALEGA. Dicionario. 2021. Disponível em: <https://academia.gal/dicionario/-/termo/busca/gratuito>. Acesso em: 1 out. 2021.

HRICSINA, Jan. Evolução do sistema vocálico do latim clássico ao português moderno (tentativa da verificação *in corpora*). **Études romanes de Brno**, Brno, v. 34, n. 2, p. 205-225, 2013. Disponível em: [https://digilib.phil.muni.cz/bitstream/handle/11222.digilib/127345/1\\_EtudesRomanesDeBrno\\_43-2013-2\\_14.pdf?sequence=1](https://digilib.phil.muni.cz/bitstream/handle/11222.digilib/127345/1_EtudesRomanesDeBrno_43-2013-2_14.pdf?sequence=1). Acesso em: 10 out. 2021.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. Em PDF.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006. Em PDF.

LEIRIA, Lúcia Lovato. A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /S/. **Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, p. 133-141, 2000. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/30201>. Acesso em: 10 out. 2021.

LEITE, Isabelle Lins; BOTELHO, José Mario. Metaplasmos contemporâneos – um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. *In*: II Congresso de Letras da UERJ, 2., 2005, São Gonçalo. **Anais [...]**. São Gonçalo: UERJ, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf>. Acesso em: 1 set. 2021.

MAGALHÃES, José. Vogais pretônicas. *In*: CASTILHO, Ataliba T. de (Coord.). **História do Português Brasileiro**. v. 3. São Paulo: Contexto, 2019. p. 60-77.

MONARETTO, Valeria. Sequências mediais de obstruintes. *In*: CASTILHO, Ataliba T. de (Coord.). **História do Português Brasileiro**. v. 3. São Paulo: Contexto, 2019. p. 138-157.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico resumido**. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1966. Em PDF.

NICOLETI, Thaís. O suarabácti de Lula. *In*: NICOLETI, Thaís. Folha de São Paulo. 11 mar. 2021. Disponível em: <https://thaisnicoleti.blogfolha.uol.com.br/2021/03/11/o-suarabacti-de->



lula/?utm\_source=newsletter&utm\_medium=email&utm\_campaign=newscolumnista. Acesso em: 1 out. 2021.

OBSTRUINTE. In: MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [São Paulo]: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/OBSTRUINTE/>. Acesso em: 1 out. 2021.

PONDIAN, Juliana Di Fiori. **Gramática da poesia escrita: figuras retóricas**. 2016. Tese de Doutorado (Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-25082016-145446/pt-br.php>. Acesso em: 10 ago. 2021.

REGRAS PARA DIVISÃO SILÁBICA. In: MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [São Paulo]: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/nocoes-gramaticais/regras-para-divisao-silabica/>. Acesso em: 1 out. 2021.

RIBEIRO, Darinka F.S. **Alçamento de vogais postônicas não finais no português de Belo Horizonte – Minas Gerais: uma abordagem difusionista**. 2007. Dissertação de Mestrado (Linguística/Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras\\_RibeiroDF\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_RibeiroDF_1.pdf). Acesso em: 10 set. 2021.

ROBL, Affonso. **Alguns problemas da influência do tupi na fonética e morfologia do português popular do Brasil**. Curitiba: Letras, UFPR, 1985. Em PDF.

ROCHA, Carlos. A pronúncia de circuito, fortuito, gratuito e intuito. **Ciberdúvidas da Língua Portuguesa**. 15 mai. 2020. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/apronuncia-de-circuito-fortuito-gratuito-e-intuito/35873#>. Acesso em: 1 set. 2021.

RODRIGUES, Sérgio. Devemos pronunciar 'gratúito' ou 'gratúito'? In: RODRIGUES, Sérgio. **Sobre palavras**. 9 abr. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/devemos-pronunciar-gratuito-ou-gratuito/>. Acesso em: 14 out. 2021.

SCHNEIDER, André; SCHWINDT, Luiz Carlos. A epêntese vocálica medial em PB e na aquisição de inglês como LE: uma análise morfofonológica. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 16-26, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/6853>. Acesso em: 10 out. 2021.

TÁ. In: MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [São Paulo]: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=Md5bM>. Acesso em: 1 out. 2021.

TASCA, Maria. A inserção de glide em sílaba travada por /S/. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 167-132, set. 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/13699/9087>. Acesso em: 10 set. 2021.

VIARO, Mario Eduardo. Fonética Histórica. **Disciplina de Fonética e Fonologia do Português (FLC 0275)**. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, [20--]. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4678560/mod\\_resource/content/1/AULA4%20%28FONFON%29%20Fon%C3%A9tica%20Hist%C3%B3rica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4678560/mod_resource/content/1/AULA4%20%28FONFON%29%20Fon%C3%A9tica%20Hist%C3%B3rica.pdf). Acesso em: 1 set. 2021.